

# OS POTES *MARTABAN* PROVENIENTES DA ANTIGA RIBEIRA VELHA, LISBOA

Mariana Mateus<sup>1</sup>, Inês Simão<sup>2</sup>, Filipe Oliveira<sup>3</sup>, Rita Souta<sup>4</sup>

## RESUMO

A intervenção arqueológica da primeira fase dos trabalhos de construção de um novo parque de estacionamento no Campo das Cebolas, em Lisboa, ofereceu um importante conjunto de contextos preservados, representando os diversos níveis de ocupação desta área da cidade, nomeadamente, entre os séculos XVI e XX.

Os níveis arqueológicos mais antigos correspondem à sobreposição de depósitos relacionados com o assoreamento natural da frente-rio, intercalados com os processos de aterro conectados com a evolução urbanística da frente ribeirinha, que se fizeram sentir com mais intensidade desde o reinado de D. Manuel I.

O seu interesse arqueológico está essencialmente marcado pela presença abundante de materiais arqueológicos, deixando-nos uma importante coleção de materiais quinhentistas, com diversas origens, entre as quais se contam alguns fragmentos de potes tipo *martaban*.

**Palavras-chave:** Potes *martaban*, Ribeira Velha, Campo das Cebolas, Lisboa.

## ABSTRACT

The archaeological intervention of the first stage of construction of the new parking lot in Campo das Cebolas, in Lisbon, confirmed an important set of preserved contexts that characterize diverse levels of occupation of this area, between the 16<sup>th</sup> and the 20<sup>th</sup> centuries.

The oldest archaeological levels correspond to the overlap of deposits related to the natural silting of the waterfront, interleaved with the process of landfill, associated with the intense urbanistic development of the waterfront, since the reign of D. Manuel I.

Their archaeological value is mostly marked by the presence of archaeological materials, living us with an important collection of the 16<sup>th</sup> century materials, with diverse provenances, including several fragments of *martaban* jars.

**Keywords:** *Martaban* jars, Ribeira Velha, Campo das Cebolas, Lisbon.

## 1. INTRODUÇÃO

As obras de requalificação da área urbana do Campo das Cebolas, em Lisboa, bem como a construção de um novo parque de estacionamento neste local, implicaram a afectação de áreas de elevado potencial arqueológico (Figura 1).

De uma forma geral, a escavação realizada nesta fase permitiu identificar contextos associados à utilização do Campo das Cebolas como área portuária e sua posterior desativação, entre os séculos XVII

e XX. Foi possível identificar a área de margem de rio, delimitada por um robusto paredão de cais que corresponde ao Cais da Ribeira Velha, usado durante o século XVIII e XIX, assim como vestígios de antigos equipamentos portuários associados a este cais. Identificou-se ainda um relevante conjunto de níveis de aterro contemporâneo, na área de implantação do futuro parque, que correspondem à desativação do referido Cais da Ribeira Velha. Através da realização de um grande aterro sobre a margem do Tejo, realizado em finais do século XIX, foi possí-

1. ERA – Arqueologia, S.A.; marianamateus@era-arqueologia.pt

2. ERA – Arqueologia, S.A.; inessimao@era-arqueologia.pt

3. CHAM – FCSH – UNL; ERA – Arqueologia, S.A.; filipeoliveira@era-arqueologia.pt

4. ERA Arqueologia, S.A.; ritasouta@era-arqueologia.pt

vel conquistar mais terreno ao rio, possibilitando a construção da nova Doca da Alfândega, atual Doca da Marinha.

Foi assim possível obter uma leitura diacrónica da evolução urbana desta frente ribeirinha lisboeta, com contextos que representam cinco grandes momentos ocupacionais entre os séculos XVI e XX: uma primeira fase, correspondente a contextos com uma cronologia aproximada do século XVI, associados essencialmente a níveis de assoreamento do rio; a segunda fase, relacionada com contextos com uma cronologia genérica entre o século XVII e a 1ª metade do século XVIII, com a instalação do Mercado da Ribeira Velha e do Forte da Ribeira nesta área da cidade; a terceira fase, correspondente aos contextos modernos associados à reconstrução pombalina da cidade, ocorrida após o terramoto de 1755; quarta fase, relacionada com os contextos contemporâneos associados às obras de remodelação do Porto de Lisboa, incluindo o aterro da Doca da Ribeira Velha, ocorridos entre o último quartel do século XIX e o início do século XX; por último, quinta fase, correspondente aos contextos mais recentes, contemporâneos, constituídos por um conjunto de infraestruturas de subsolo, assim como, por algumas estruturas associadas à remodelação do espaço urbano, decorridas durante o século XX.

Os contextos mais antigos do Campo das Cebolas representam, assim, um vislumbre do impacto da Expansão Portuguesa na cultura material lisboeta e europeia quinhentista. Este traduziu-se na criação de um sistema mais alargado de contactos comerciais, baseado no tráfego transoceânico de grande distância, mas alicerçado nas antigas redes comerciais e estruturas produtivas já estabelecidas antes da sua chegada, que nas mãos de mercadores muçulmanos e chineses asseguravam o contacto e o comércio entre entidades tão afastadas como a China Ming, o sub-continente indiano, o Egipto Mameluco e a Sereníssima República de Veneza (Boxer, 2001: 57-59). Obrigatoriamente, estes processos, eminentemente comerciais, traduziram-se numa mudança da cultura material ao longo desta rede, com peças e produtos emanando das novas paragens a fluírem ao porto de Lisboa, e daí para múltiplos pontos da Europa. Neste artigo vamos debruçar-nos sobre um conjunto de fragmentos pertencentes a potes orientais de grandes dimensões, a sua origem e significado neste contexto.

## 2. OS POTES ORIENTAIS – MARTABANS

O termo *martaban* é genericamente usado para definir um grande conjunto de vasilhas cerâmicas provenientes do Sudeste Asiático, normalmente potes altos de perfil ovóide, produzidos em grés de tonalidade cinzenta, revestidos com espesso vidro de tom castanho ou verde escuro (Simões, 2009: 87-92). A heterogeneidade daqui resultante significa que sob o mesmo conceito se agrupam materiais provenientes de pontos geográficos distintos e, por vezes, com cronologias de produção e uso bastante variadas.

A palavra deriva do nome da cidade portuária de Martaban situada na Baía de Bengala, no actual Myanmar (Simões, 2015: 254-255), conhecida pela produção de grandes recipientes cerâmicos, sendo que o seu nome terá, a partir do XVI, se tornando sinónimo das produções oleiras comuns a toda esta região.

Aquando da chegada dos portugueses no século XVI, a Indochina apresentava uma longa tradição de produção de grandes recipientes cerâmicos, datando no mínimo do século VII-VIII (Gutman, 2001: 108). No entanto, é com o ressurgir das rotas comerciais entre China e Índia, a partir do século XIV, e o sequente florescimento de inúmeros portos e entrepostos no actual Camboja e Myanmar (*ibidem*, 2002: 111-112), que estas produções terão ganho preponderância.

O desenvolvimento de novas entidades políticas, como o Reino de Authya e de Pegu, estabilizou a região (Campos, 1983: 41-42) e permitiu o rejuvenescer das antigas rotas comerciais terrestres e marítimas, que nas mãos de comerciantes muçulmanos, e mais tarde, dos portugueses, unem a China Ming com o continente europeu.

Neste contexto, os centros oleiros locais encontram mercado para as suas vasilhas, colmatando as necessidades dos mercadores por recipientes de grandes dimensões, resistentes e estanques, capazes de aguentar a viagem transoceânica.

Curiosamente, no que concerne à sua função de vasilhas de transporte, notamos que nas fontes lhes são atribuídos conteúdos de naturezas distintas: desde simples contentores de água, óleos e vinhos «São levadas em tamanha quantidade porque na Índia são usadas em todas as casas e navios em vez de barris, que lá não há, a não ser os que vêm de Portugal. Por isso, usam em seu lugar estas jarras que

*guardam óleo, vinho, água e coisas semelhantes, pois conservam-nos muito bem e são uma grande comodidade para o viajante. Muitas delas são também levadas para Portugal, pois usam-nas nas naus da carreira da Índia para guardar água, azeite, etc.»* (Pos e Loureiro, 1997: 179); mas também produtos como especiarias e conservas de sal (Gutman, 2001: 112). Esta heterogeneidade de conteúdos está possivelmente relacionada com a versatilidade destes contentores, fruto das suas características físicas, mas poderá igualmente derivar do grande número de distintos recipientes que foram historicamente associados a este conceito.

A natureza hiper-decorada de algumas destas peças poderá indiciar que a importação destes recipientes poderia estar associada aos gostos portugueses e europeus, por recipientes vidrados em tonalidades verdes escuras (Simões, 2015: 260).

Duarte Barbosa, na sua descrição do reino de Pegu, e das suas relações comerciais com a Índia e Indonésia descreve: «*In this town of Martaban are made very large and beautiful porcelain vases, and some of glazed earthenwares of a black color, which are highly valued among the Moors, and they export them as merchandize.*» (Gutman, 2001: 113). A descrição que Duarte Barbosa faz destes vasos é típica dos inícios do século XVI, no qual o termo porcelana era empregue de forma indiscriminada para diferentes formas de cerâmica asiática. No entanto, é mais curiosa a sua referência aos potes, definindo-os como «*[...] cerâmicas revestidas com vidrados de cor preta [...]*» apreciados e exportados pelos mercadores muçulmanos por si só.

Este gosto não é exclusivo aos portugueses de Quinhentos, sendo que já no século XVII (1610) Pyrard de Laval descreve os martabans como sendo «*[...] the most beautiful, best glazed and made jars I have seen anywhere. There are some that hold as much as a pipe [1 pipe = 2 hogshead = 105 gallons approximately], or more. They are made in the Kingdom of Martaban, from where they are brought and from where they take their name throughout India.*» (GUTMAN, 2001: 114).

### 3. POTES MARTABAN RECOLHIDOS NO CAMPO DAS CEBOLAS

No decorrer dos trabalhos no Campo das Cebolas foram recolhidos 131 fragmentos – que correspondem a 125 NMI – de vasilhas que associamos a *mar-*

*tabans*<sup>5</sup>. Este conjunto apresenta pastas bastante compactas e homogêneas que contêm elementos não plásticos em abundância, nomeadamente, cerâmica moída – chamota – óxidos de ferro e outros elementos minerais de uma forma quase constante. Foi possível fazer a observação de cinco grupos distintos de pastas, onde se verificou a presença de 72 peças (57,6%) produzidas numa argila de cor cinzenta, correspondentes ao Grupo I; 6 peças (4,8%) fabricadas numa argila cinzenta acastanhada (Grupo II); 9 peças (7,2%) produzidas numa pasta vermelha acastanhada (Grupo III); 6 peças (4,8%) fabricadas numa argila bege acinzentada (Grupo IV); 32 peças (25,6%) produzidas numa pasta cinzenta rosada (Grupo V).

Como é possível observar em todos os fragmentos, eram peças fabricadas a torno, onde todas apresentavam estrias da modelação na superfície interior. No que respeita ao tipo de cozedura e ambientes de arrefecimento, são peças sujeitas, na sua maioria, a uma cozedura e arrefecimento em contexto redutor. Estas peças, devido às suas grandes dimensões e peso, eram preparadas a partir de moldes, fabricadas em porções e que no final, depois de juntas, formariam uma única peça (Simões, 2009: 90; Coelho, 2008: 73). O grés cerâmico tem como principal característica a sua resistência, concedida pelos tipos de argila de grão duro em que é produzida. Este tipo de pasta contém ainda quartzo e feldspato, que ao atingir elevadas temperaturas durante a cozedura – cozidas a altas temperaturas, cerca de 1100°C – é conferida à peça maior solidez e impermeabilidade. Nos fragmentos CCLX16/[13021]/050 e CCLX16/[1265]/143 é possível observar ainda a existência de pequenos sulcos marcados na superfície interna, possivelmente relacionados com o acondicionamento da mercadoria nos recipientes com a pasta ainda húmida no interior (Figura 2).

No conjunto observado, os fragmentos apresentam

5. Os fragmentos foram previamente lavados, dispostos e colados sistematicamente. De seguida, procedeu-se à contabilização dos fragmentos por unidade estratigráfica para, posteriormente, calcular o Número Mínimo de Indivíduos – NMI – norteado pelos pressupostos avançados por Clive Orton. Atendendo às características do conjunto, o número de bordos registados incidiu no NMI. A análise dos contentores cerâmicos recolhidos no Campo das Cebolas contemplou, quando possível, a determinação dimensional da peça (diâmetro) e respetivo registo gráfico dos fragmentos que considerámos mais singulares.

apenas uma das superfícies vidradas, onde foi possível concluir que predominam os vidrados de cor preta melada, visíveis em 31 fragmentos (24,8%); o vidrado castanho melado em 28 fragmentos (22,4%), o vidrado preto presente em 21 fragmentos (16,8%), o vidrado verde em 16 fragmentos (12,8%), o vidrado castanho rosado em 11 fragmentos (8,8%), o vidrado verde acastanhado presente em 11 fragmentos (8,8%) e, por último, e em menor percentagem, o vidrado de cor castanha em 7 fragmentos (5,6%) (Figura 3). Esta análise permitiu-nos concluir que foram recolhidas peças tipo *martaban* em maior número na vala 13, seguida da vala 1 e, por último, na vala 10, o que se justifica em parte, por ser uma das zonas intervencionadas onde se registou maior número de estruturas positivas e negativas e uma menor quantidade de espólio artefactual. O grupo I, relativo às peças fabricadas numa pasta cinzenta, encontra-se presente em maioria neste conjunto, variando dentro deste, os grupos de vidrado.

De uma forma geral, os vidrados que cobrem as superfícies das peças são, em grande parte, brilhantes, bastante aderentes e espessos. É também possível observar que as marcas de escorrência de vidrado na superfície interna da peça estão presentes na maior parte dos fragmentos (Figura 2), o que acontece com todos os bordos analisados e em alguns fragmentos pertencentes à zona do colo e ombro, como é exemplo o fragmento CCLX16/[1283]/160. Esta questão, assim como a própria orientação do vidrado, permitem apreender que o mesmo seria aplicado nas superfícies externas, a partir do arranque do bordo, preenchendo apenas 2/3 das peças (Simões, 2009: 21). Esta aplicação do vidrado teria como finalidade, não só a impermeabilidade da mesma e a possibilidade de armazenar produtos líquidos ou sólidos no seu interior – o que evitaria a humidade sentida nos porões dos navios – mas também conferir à peça maior resistência e durabilidade durante o processo de viagem. O vidrado apenas em 2/3 das peças, sobretudo na área central onde os potes estariam em maior contacto uns com os outros, *poderia evitar que os contentores estalassem ou se partissem com os embates causados por eventuais balanços durante o transporte* (Simões, 2009:95).

No que respeita às características formais do conjunto estudado, é possível determinar – através da análise do fragmento CCLX16/[limp.10165]/274 (Fig.10) – que estes potes seriam de perfil globular, com bordos exvertidos (CCLX16/[1211]/176; CCLX16/

[13017]/232; CCLX16/[13055]/238; CCLX16/[13021]/199 (Figura 4), com o lábio de secção semicircular e com um ressalto no interior. Estas características, tanto a orientação do bordo como o ressalto no interior, podem indicar que estas peças seriam possivelmente tapadas com materiais perecíveis como tecidos, madeira, pele ou cerâmica (Coelho, 2008, 72). No que diz respeito às asas, estas são, na sua grande parte, as designadas asas de fita e apresentam duas orientações distintas: asas horizontais (como no caso da peça CCLX16/[13021]/050) e asas dispostas na diagonal (CCLX16/[1283]/160), na sua maioria de secção retangular. Apesar dos diferentes tipo de asas, é possível perceber que todas foram aplicadas e reforçadas externamente, sendo muitas vezes possível observar as marcas de pressão dos dedos do oleiro na peça (como no caso da CCLX16/[1283]/152). Desta forma, a utilidade destas asas não seria a de suspensão – tendo em conta o facto de serem aplicadas e muitas das vezes de pequenas dimensões – porém, poderiam ser uma maneira de prender os grandes potes entre eles durante o transporte com algum tipo de corda e/ou segurar uma possível tampa, como já acima referido (Simões, 2009: 95).

Relativamente às técnicas de decoração presentes neste conjunto, podemos distinguir as decorações com aplicações plásticas – caneluras e aplicações circulares – decorações incisas e, apenas num caso, uma decoração estampilhada. No caso das aplicações plásticas é possível observar fragmentos com uma canelura disposta horizontal e/ou verticalmente, outras com aplicações circulares com ambas as orientações e, ainda, peças com os dois tipos de decoração dispostas de diferentes formas. Estas aplicações, que contornavam toda a peça, eram colocadas normalmente num tipo de argila e vidrado de tipo e coloração distintos. Apenas em 2 fragmentos é possível observar uma ou duas linhas horizontais incisas (CCLX16 [10252]/257; CCLX16[13020]/204) (Figura5).

Para uma análise quantitativa dos NMI que apresentam algum tipo de decoração, procedeu-se à sua divisão em dois grandes grupos: Grupo 1, relativo às aplicações plásticas de caneluras, com dois sub-grupos relativos aos tipos de decoração: “simples”, referente às caneluras dispostas na horizontal e na vertical e “mista”, relacionada com a aplicação das caneluras juntamente com as aplicações plásticas circulares (estilo conta); e Grupo 2 relativo ao tipo de decoração incisa.

Relativamente ao Grupo 1, no sub-grupo das deco-

rações “simples”, foram identificados 11 fragmentos decorados com caneluras simples, aplicadas na horizontal, na zona do ombro; 3 fragmentos com canelura simples, disposta na vertical, na zona do ombro e 1 fragmento com canelura horizontal e vertical, formando um “T” na zona do bojo. O sub-grupo das decorações “simples” representa 12% do total dos fragmentos analisados. No que concerne às decorações “mistas” do Grupo 1, foram identificados 6 fragmentos com vários tipos de disposição dos elementos plásticos. Foi registado 1 fragmento de bojo decorado com uma canelura simples, disposta na vertical, com duas aplicações plásticas circulares a ladear esta canelura na zona do bojo. Foram registados 2 fragmentos de ombro decorado com canelura simples com três aplicações plásticas circulares abaixo desta, disposta na horizontal; 2 fragmentos de ombro decorado com canelura dupla, formando uma banda, com duas aplicações plásticas circulares no interior. Por fim, foi identificado um fragmento da porção do ombro e do bojo, decorado com canelura dupla, formando uma banda na horizontal com aplicações plásticas circulares no interior e uma banda composta por duas caneluras verticais e cinco aplicações plásticas circulares, por baixo da asa fixada na horizontal, correspondente à peça nº 050 (Figura 6). O sub-grupo das decorações “mistas” deste grupo representa 4,8% do total deste conjunto.

No Grupo 2, referente às decorações incisadas, foram apenas identificados 2 fragmentos de ombro decorados com duas linhas incisadas dispostas na horizontal na zona do ombro, que representam 1,6% do conjunto analisado.

Evidencia-se o caso da peça CCLX16[13021]/050<sup>6</sup> que apresenta uma canelura disposta na horizontal, com cerca de 7 mm, seguida de 8 aplicações circulares, 2,5mm de espessura, na zona do colo. Apresenta ainda uma grande asa de fita igualmente colocada na horizontal, com uma largura de 76 mm e 81 mm de comprimento, e, por baixo desta, 2 caneluras na vertical e, entre elas, cinco aplicações circulares – designado por *pregaria* (Simões, 2009). Este exemplo reforça, mais uma vez, a ideia de que estas asas seriam, como já referido, aplicadas posteriormente.

6. Em termos decorativos, é possível observar uma decoração aproximada no fragmento E.359. 049 (Simões, 2009) proveniente da Rua dos Navegantes, nº 80, em Cascais e nos fragmentos SJB 182.01.05, SJB 140.05, SJB 182.01.03, SJB 04654.02.001 e SJB 04654.02.0013 (Coelho, 2008).

Do conjunto em análise, destaca-se ainda a peça CCLX16/[1283]/160 que corresponde a parte do bojo com um arranque de asa disposto na diagonal. Na zona do bojo apresenta uma canelura simples em torno da peça, seguida de nove aplicações plásticas circulares (com 8 mm) e, abaixo desta, outra canelura, ambas com espessura de cerca de 3 mm. Desta canelura simples, arranca uma outra decoração estampilhada de forma circular, com 70 mm de comprimento, no qual é possível observar motivos de cariz geométrico de círculos e traços. A natureza deste motivo é desconhecida sendo, no entanto, possível que corresponda a um selo relativo ao local de produção ou ao indivíduo que o encomendou. Infelizmente a ausência de estudos concertados sobre este tema não permite de momento produzir uma leitura mais precisa sobre este elemento em particular (Figura 7).

Pela sua singularidade no presente conjunto mas com características semelhantes à dos potes orientais aqui analisados, considerámos ainda a presença da peça nº152, composta por parte do bordo e colo de um tipo de pote de proveniência, até ao momento, desconhecida. Produzido num tipo de grés de coloração bege, é revestida por um vidrado de tom verde, semi-brilhante, homogéneo, e aderente. Apresenta um lábio arredondado, ligeiramente exvertido, 3 pequenas asas de rolo (4,5mm de comprimento e 10mm de largura) onde se destacam, nas extremidades, as marcas de pressão dos dedos do oleiro para fixar as mesmas ao corpo da peça. O posicionamento das asas sugere a existência de, no total, 6 asas dispostas em torno do ombro da peça (Figuras 8 e 9).

Curiosamente o estudo destes materiais permitiu-nos conferir outra possível reutilização destas peças, onde são exemplo 4 fragmentos (CCLX16[1220]/133; CCLX16[1211]/177; CCLX16[1211]/181; CCLX16[1211]181; CCLX16[1254]183) cobertos com cal na sua superfície interna, o que poderá estar relacionado com a reutilização dos recipientes como tarro – vasilhas para cozer a cal.

Como é possível observar o Campo das Cebolas ofereceu um conjunto razoável de exemplares de potes orientais, entre os quais vários que se integram morfológicamente no conceito de *martaban*, no entanto, ausência de estudos concertados sobre os locais de produção destas peças tornam difícil uma análise mais pormenorizada e uma correta atribuição de origens ou funcionalidades.



Neste ponto os naufrágios dos navios da Rota da Índia, tanto portugueses (Bettencourt, 2005 e Coelho, 2008) como holandeses (Ketel, 2007: 2 – 3) apresentam-se como importantes fontes para o conhecimento destes recipientes, facultando preciosos e cronologicamente estanques, onde estas peças aparentam ser uma presença habitual.

A presumível nau *Nossa Senhora dos Mártires* (1606), que regressava de Cochim com destino ao porto de Lisboa, naufragou no rio Tejo na entrada de São Julião da Barra (SJ2), carregada de mercadorias orientais, entre elas um conjunto considerável de potes asiáticos. Deste conjunto, podemos encontrar exemplos semelhantes aos recolhidos no Campo das Cebolas, nomeadamente fragmentos fabricados em grés de coloração cinzenta, com vidrado de tonalidade castanha escura, quase preta, e decorados com caneluras e aplicações plásticas de forma circular, (Coelho, 2009:75)<sup>7</sup>.

No naufrágio da *Nossa Senhora da Luz*, na ilha do Faial em 1615, integrada nas rotas marítimas que ligavam a Ásia à Europa em finais do século XVI inícios do XVII, foi possível identificar três fragmentos que correspondem possivelmente a potes tipo *martaban*, com pastas de cor cinzenta escura e cobertas por vidrado espesso castanho-escuro ou preto (Bettencourt, 2008: 126).

Foram ainda recuperadas peças destas produções a bordo da fragata portuguesa *Santo António de Tanna*<sup>8</sup>, naufragada em Mombaça em 1697 – existe a informação de 7 potes tipo *martaban* onde a Tailândia ou a Birmânia são as origens prováveis destas peças (Piercy, 1979: 307) – no *San Diego* (1660) onde é atribuído a Sião a possível origem destas peças (Depoizat, 1994: 236-237 *apud* Simões, 2009: 100), no *Mauritius* (1609) (L'Hour, Long, Rieth, 1989: 178-180 *apud* Simões, 2009: 100), provenientes possivelmente dos mercados sul-asiáticos, no navio naufragado em Pattaya, no Golfo da Tailândia (Green, Harper, 1983 *apud* Simões, 2009: 100), no naufrágio do *Witte Leeuw* (1613) (Pijl-Ketel, 1982 *apud* Simões, 2009:102) onde também foram identificados

peças com motivos decorativos semelhantes aos registados no Campo das Cebolas, tais como caneluras e aplicações plásticas circulares (Figura 10).

Já em contexto terrestre e semelhante ao registado no Campo das Cebolas – níveis de aterro – registou-se a presença de importações provenientes do Oriente no Largo do Chafariz de Dentro, Lisboa (Silva, 2012: 75) que revelou dados estratigráficos e artefactuais situados entre meados do século XVI e a 2.ª metade do século XVII. Foi possível estabelecer um paralelo em termos decorativos para os fragmentos CCLX16[1211]/173, CCLX16[1220]/135 com o fragmento LCD/o8 onde ambos apresentam um vidrado espesso, de coloração castanha escura e uma canelura disposta na vertical.

Contudo, é o espólio identificado nos destroços da presumível nau *Nossa Senhora dos Mártires* que oferece uma cronologia mais antiga e concreta, datando do ano de 1606, e onde foi possível estabelecer mais paralelos a nível do tratamento e decoração das peças.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS – A IMPORTÂNCIA DESTE CONJUNTO

Como verificámos, o nosso objeto de estudo, os potes orientais vulgarmente apelidados de *martabans*, representam na realidade um conjunto bastante distinto de vasilhas cerâmicas revestidas com espessos vidrados, cujas dimensões e características morfológicas podem variar enormemente. Este facto, que deriva da aplicação, pelos historiadores e colecionistas ocidentais, de um termo local a um conjunto de diversas produções de recipientes cerâmicos, executados em inúmeras olarias espalhadas por todo o Extremo oriente, produziu uma visão confusa deste universo material cerâmico. Apenas recentemente se observa uma tentativa de historiadores e arqueólogos de retificar esta situação através da cuidada definição das produções e dos conceitos (Coelho, 2008; Simões, 2008, 2012 e 2015), embora sem o cruzamento de dados com trabalhos desenvolvidos nos locais de proveniência destes recipientes, tal se apresente uma tarefa titânica.

No análise dos materiais recuperados do Campo das Cebolas, que corresponderam a uma amostra de 131 fragmentos, cerca de 125 NMI, foi-nos possível observar esta mesma realidade, sendo possível atribuir 5 grupos distintos, consoante a análise macroscópica das pastas, e ainda 7 grupos, de acordo com a qualidade e tonalidade dos vidrados que os revestiam.

7. Foi possível estabelecer paralelos entre os fragmentos CCLX16[1220]/132 com SJB 140.05, CCLX16[13045]/205 com SJB 04654.02.001.

8. Embora seja escassa a informação relativa aos potes registados no naufrágio de *Santo António de Tanna* estabeleceu-se um paralelo aproximado com o fragmento CCLX16[limp.10165]274 (Figura 9).

Estes materiais foram recolhidos, na sua maioria, nos depósitos associados ao avanço da margem do rio, com um importante conjunto de níveis de assoreamento intercalados por níveis de aterro, numa zona com influência direta das marés, onde se foi acumulando um numeroso conjunto de materiais aqui descartados, cuja deposição, de acordo com as suas cotas, ocorreu de Norte para Sul.

Ali, posteriormente, se instalou o Mercado da Ribeira Velha, cronologicamente enquadrado no século XVII, o qual correspondia a um conjunto de cabanas ou alpendres compridos, espalhados pela praça, desde o Cais de Santarém até à Alfândega, onde as vendedeiras se agrupavam por géneros alimentares, normalmente acompanhadas das respetivas casas do dízimo (Oliveira, 1991; Castilho, 1941).

A formação destes contextos corresponde assim a um processo ocorrido, no século XVI e inícios do XVII, fase considerada como o auge da Carreira da Índia e momento no qual maior quantidade destes recipientes aportariam à cidade, nas cargas das naus que faziam a travessia, facto comprovado pelos vários naufrágios aqui citados.

Nesta fase, a antiga Ribeira Velha, ou seja, a língua de areia que se formava desde as muralhas da Lisboa medieval até à linha de água, estaria dominada pelas atividades flúvio-marítimas, ligadas ao processo de Expansão Portuguesa e às várias atividades a ele associados, como a construção naval e o comércio marítimo, que associadas com o incremento populacional aceleraram o processo de assoreamento de toda a frente rio.

Os *martabans* e restantes potes orientais daqui recuperados resultam assim dos lixos que eram diariamente despejados na frente ribeirinha pelos habitantes da cidade, pelas instituições ali estabelecidas como a Alfândega, e pelos tripulantes das inúmeras embarcações ali fundeadas, no decorrer da sua carga e descarga ou na renovação ou remoção de lastros.

No que concerne aos próprios recipientes, o seu grande porte e resistência tornava-os perfeitos para o armazenamento e acondicionamento de mercadorias nas viagens dentro dos circuitos comerciais do Índico e na carga das embarcações que faziam a Carreira da Índia, sendo a sua presença um subproduto destas mesmas atividades. No entanto, não devemos excluir uma vida útil para além deste trajeto, enquadrando-se no gosto ocidental pelo exótico, sendo que muito certamente alguns destes recipientes seriam recuperados e incluídos nas coleções

ou domicílios das classes mais altas ou abastadas, se não fossem à partida, já obtidos e transportados com esse objetivo em mente.

Em suma, os contextos intervencionados no Campo das Cebolas ofereceram um universo material diversificado onde dominam as formas de origem exógena – assumindo-se como uma importante coleção de material de época Moderna recolhida na zona de Lisboa – refletindo assim a natureza cosmopolita da cidade durante os séculos XVI-XVII e à qual afluíam produtos e gentes de diversas partes do globo. Os *martabans* são assim mais um reflexo da posição de Lisboa, como um ponto na complexa rede de relações comerciais, políticas e culturais que incluía o Norte da Europa, o Mundo Mediterrânico, o Atlântico Sul, o Índico e o Extremo Asiático.

Consideramos, no entanto, que este tema carece ainda de muita investigação, nomeadamente no que concerne à definição de áreas de produção exatas que nos permitam abandonar termos generalistas como potes orientais ou *martabans*, e assim melhor conhecer e estabelecer a teia de relações comerciais nos inícios da Modernidade.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a todos os colegas que de alguma maneira contribuíram para a elaboração deste trabalho, nomeadamente aos colegas e trabalhadores de campo que trataram do espólio recolhido nesta intervenção e aos colegas de escritório: Liliana Carvalho (autora dos desenhos), José Pedro Machado, Joana Gomes, Igor Martins, Ana Olaio, Raquel Gonzaga, António Azevedo, Jorge Batista, Vitor Frazão, Anabela Sá, Marco Araújo Pereira, Fátima Nunes e Hugo Silva. . .

## BIBLIOGRAFIA

BETTENCOURT, José António (2005) – *Os vestígios da nau nossa senhora da luz resultados dos trabalhos arqueológicos*, ARQUIPÉLAGO • HISTÓRIA, 2ª série, IX.

BETTENCOURT, José António (2008) – *A nau Nossa Senhora da Luz (1615) no contexto da Carreira da Índia e da escala nos Açores: uma abordagem histórica e arqueológica*, (texto Policopiado), Mestrado em Arqueologia, FCSH-UNL.

BOXER, C. R. (2001) – *O Império Marítimo Português – 1415-1825*, Edições 70, Lisboa.

CAMPOS, Joaquim (1983) – *Early Portuguese Accounts of Thailand - Antigos Relatos da Tailândia*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.

COELHO, Inês Pinto (2008) – *Cerâmica Oriental Da Carreira Da Índia no contexto da carga de uma Nau – A presumível Nossa Senhora dos Mártires* (texto Policopiado), Mestrado em Arqueologia, FCSH-UNL.

GUTMAN, Pamela (2001) – “The Martaban Trade: An Examination of the Literature from the Seventh Century until the Eighteenth Century”, in: *Asian Perspectives: The Journal of Archaeology for Asia and the Pacific*, Vol. 40, Nº.1

KETEL, Christine (2011) – “Identification of export porcelains from early 17<sup>th</sup> Century VOC shipwrecks and the linkage to their cultural identification”, in: *The 2011 Asia-Pacific Regional Conference on Underwater Cultural Heritage Proceedings. The MUA Collection*, accessed July 13, 2017, <http://www.themua.org/collections/items/show/1253>.

PIERCY, Robert (1979) – *Mombasa Wreck Excavation – Third preliminary report*. The International Journal of Nautical Archaeology and Underwater Exploration.

SIMÃO, Inês; MIGUEZ, João; MACEDO, Marta; FREITAS, Teresa; FONSECA, Cristóvão e BETTENCOURT, José António (2017) – *Empreitada de Obra Pública para Execução dos Desvios dos Serviços Afectados para Construção do Parque de Estacionamento no Campo das Cebolas, Lisboa – Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos*. Cruz Quebrada-Dafundo: ERA-Arqueologia, S.A.. Exemplar policopiado.

SILVA, Rodrigo Banha da; MIRANDA, Pedro; VIEIRA, Vasco; VICENTE, António M.; LOPES, Gonçalo C. e NOZES, Cristina, (2012) – Largo do Chafariz de Dentro: Alfama em Época Moderna, *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa: CHAM, pp. 71-84.

SIMÕES, Sara (2009) – *Os potes martabã – contributo para o seu conhecimento* (texto Policopiado), Mestrado em Arqueologia, FCSH-UNL.

SIMÕES, Sara (2012) – Os potes martabã: um conceito em discussão, *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa: CHAM, pp. 449-458.

SIMÕES, Sara (2015) – A brief study concerning martaban jars, *Maritime Contacts of the Past: Deciphering Connections Amongst Communities*, (coord.) TRIPATI, S., Delta Book World, Delhi, India, pp. 252-274.

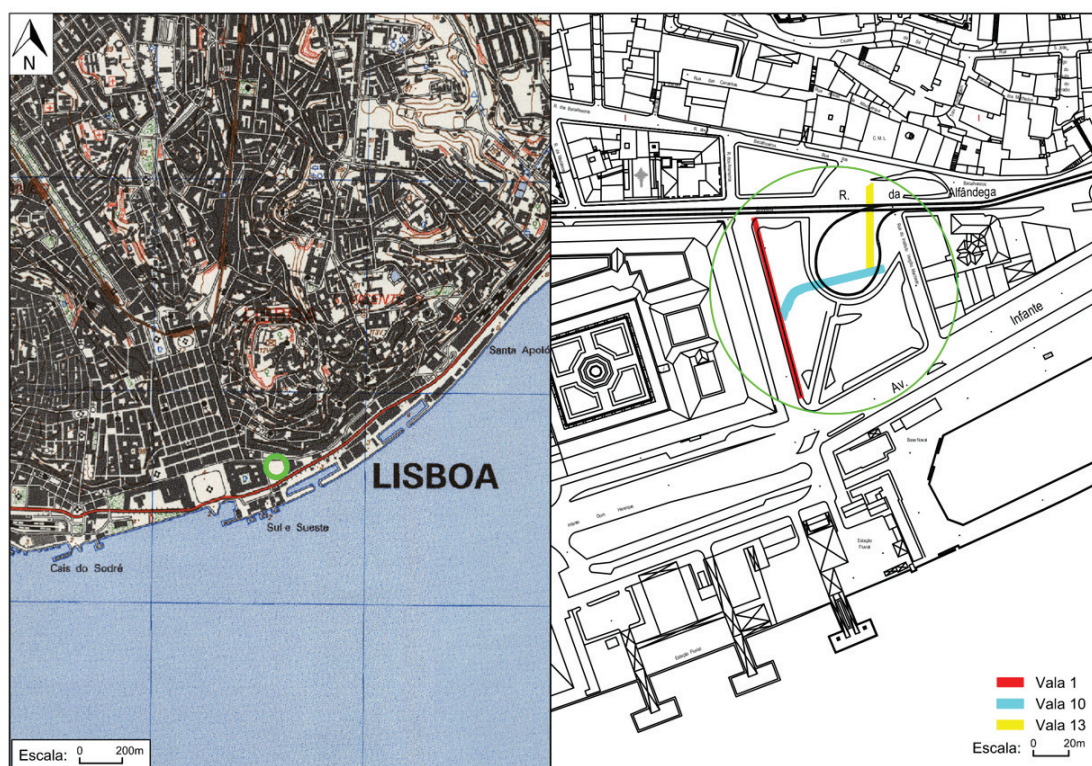


Figura 1 – Localização do sítio arqueológico e respetivas valas 1, 10 e 13 sobre o excerto da C.M.P. (folha 431, IGeoE) e sobre levantamento topográfico de Lisboa.





Figura 2 – Superfícies internas com escorrência de vidrado e possíveis marcas relacionadas com armazenamento de mercadoria (fragmentos nº 050 e nº 143).

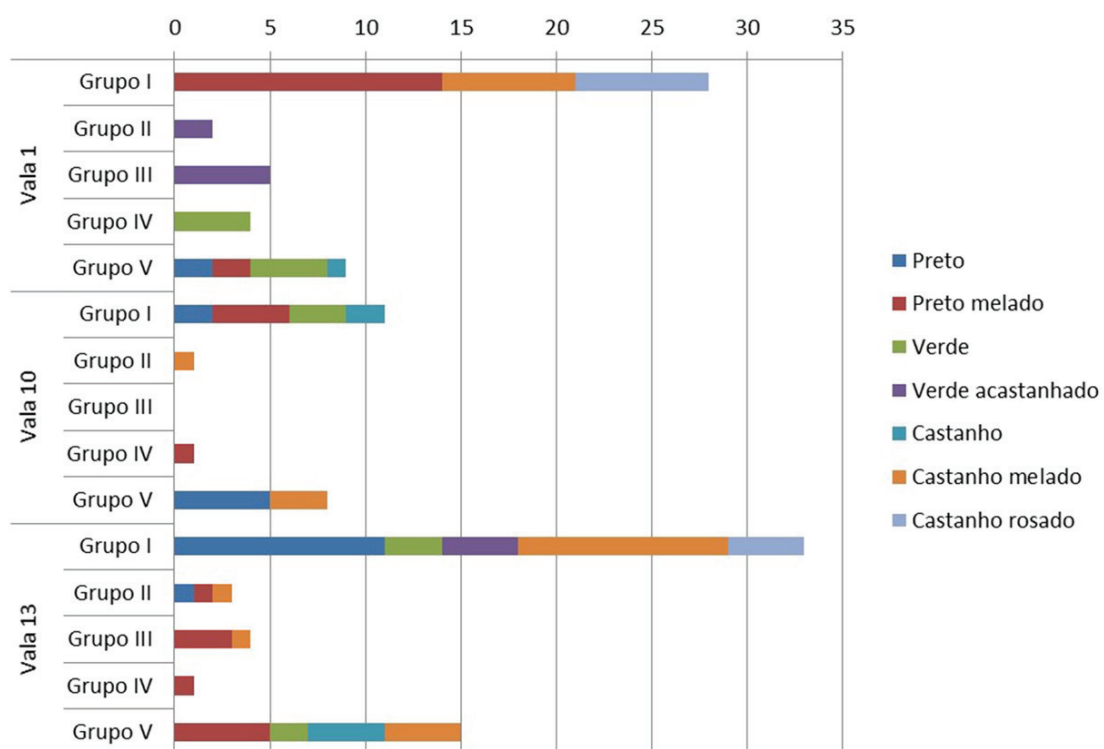


Figura 3 – Gráfico com a distribuição dos NMI por valas, grupos de pastas e vidrados.



Figura 4 – Fragmentos de bordo de *martaban* (CCLX16/[1211]/176; CCLX16/[13017]/232; CCLX16/[13055]/238; CCLX16/[13021]/199).



Figura 5 – Fragmentos de pote *martaban* com decorações plásticas – caneluras e aplicações circulares – e fragmentos com linhas incisas na horizontal



Figura 6 – Fotografia e registo gráfico da peça nº 50.

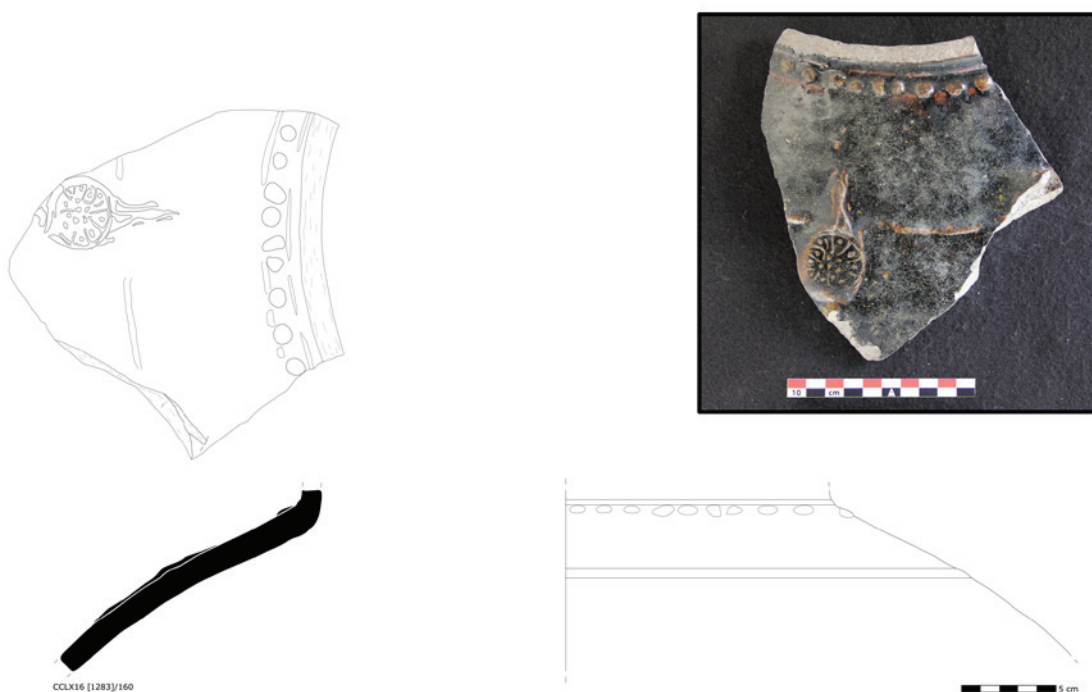


Figura 7 – Fotografia e registo gráfico do fragmento nº 160.





Figura 8 – Fotografia da peça nº 152.

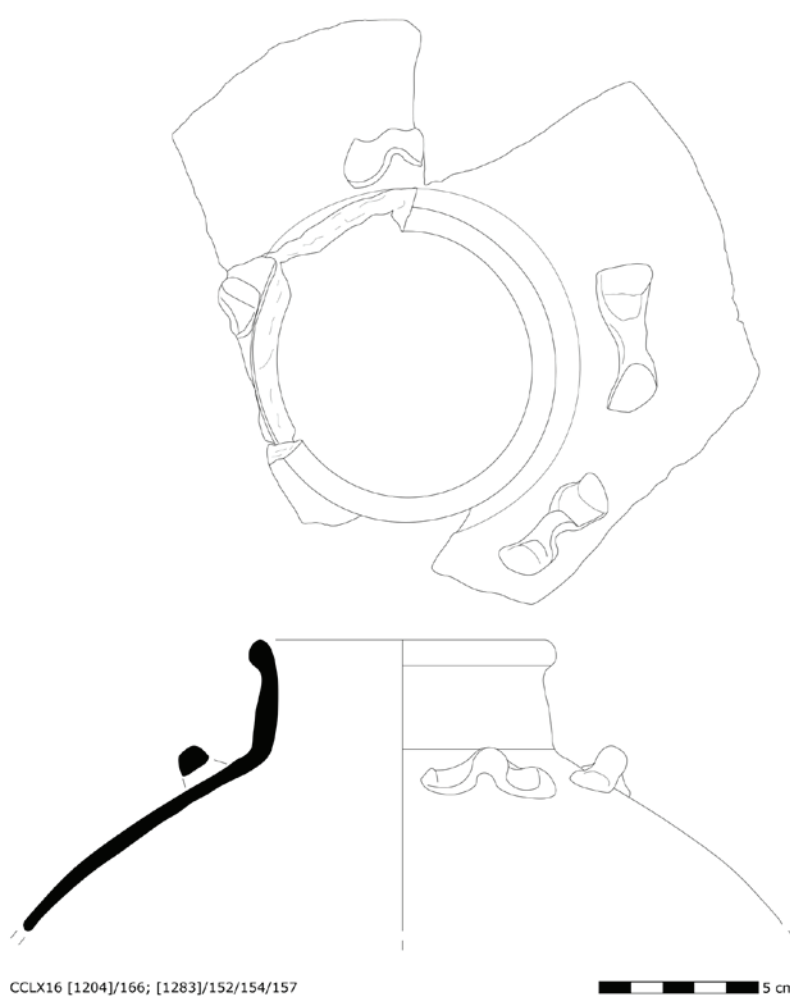


Figura 9 – Registo gráfico da peça nº 152.



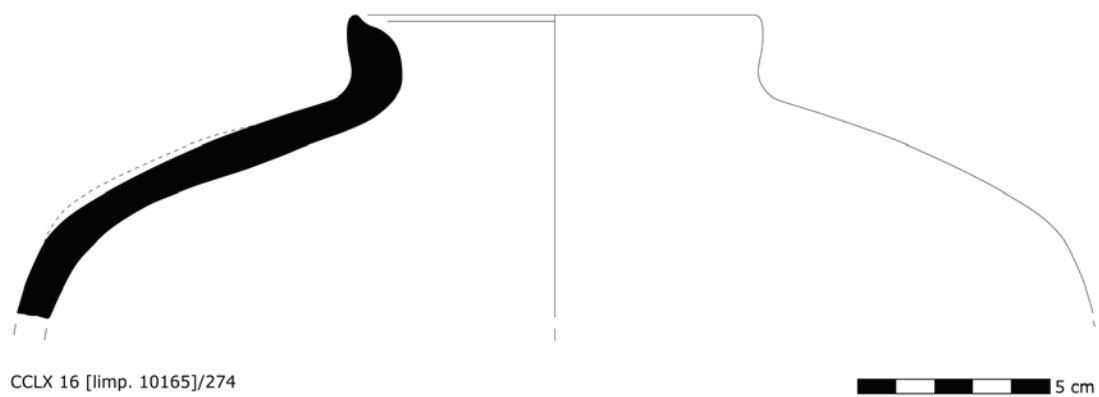


Figura 10 – Representação gráfica da peça nº 274.

